

A Maçã Triangular

Donaldo Schüler *

A maçã triangular, do catarinense Holdemar Menezes, é um livro caótico, e Ilha do Sul, onde se desenrola a ação do romance, oferece cenário ao caos.

Porto marítimo em decadência, Ilha do Sul mostra-se como um armazém em que se encontra de tudo. Entre as personagens principais, figuram um teuto-brasileiro, Herr Fischer, sucessivamente nazista, getulista e revolucionário antigetulista; Hugo, um marinheiro sueco indeciso entre o lar e o navio; Mister Brown, cônsul inglês, há 35 anos radicado no Brasil e casado com teuto-brasileira, apesar de seu intransigente apego aos hábitos ingleses; o Pastor Hans Fischer, decadente e ébrio; Breno, professor universitário, confinado na ilha por motivos políticos.

Por cima deste mostruário de homens aproximados pelas contingências e que não se unem para construir uma nova civilização, paira o olhar neutro e observador de Breno. Os esforços deste para fugir do isolamento que prende todos em si mesmos, fracassam. Hugo, a quem se afeiçoara como irmão, morre assassinado numa terra distante; Selma, em quem derramava suas angústias, desaparece.

Ninguém tem raízes na ilha. As personagens não se afeiçoam à terra, não pensam em desenvolvê-la, não se organizam numa sociedade para um projeto comum.

As idéias participam do mesmo destino das personagens. Elas entram na ilha com as recordações de Breno. Não são provocadas por necessidades locais. Como as personagens, as idéias, que cobrem muitas páginas em discussões, soam à maneira de estilhaços de sistemas significativos em outras circunstâncias. As idéias estão a tal ponto desarraigadas, que comparecem no último capítulo desprendidas até das personagens. Aparecem como segmentos autônomos, não proferidas por ninguém e não dirigidas a ninguém.

Teremos em *A maçã triangular* uma visão crítica da cidade de Florianópolis? Confirmada a hipótese, o livro se inscreve na tradição da

Donaldo Schüler é Professor de Literatura e Teoria Literária na UFRGS.

ficção brasileira, voltada desde o princípio para a interpretação física e humana do Brasil, e a capital catarinense encontrou o seu romancista. Observador arguto, o romancista não se deixa seduzir pela paisagem fascinante, não lança sobre a cidade olhos de turista, nem se preocupa em alimentar sonhos turísticos. Empenha-se, ao contrário, em destruir ilusões para revolver mundos que não desfilam na rua em tarde batida de sol.

A forma na criação artística autêntica não se acrescenta de fora, nasce do confronto dialético com a realidade, e neste confronto sustenta-se o mundo inventado em autonomia e poder de denúncia.

O romance ergue-se sobre dois símbolos, a maçã triangular, fonte sedutora e misteriosa da vida, e os dejetos pútridos acumulados na praia, onde em horas mortas se revolvem os corpos de náufragos da vida. Entre estes dois extremos, a morte e a vida, movimenta-se a ação do romance, com prevalência da morte. O romance é apocalíptico, narra um mundo em extinção. As personagens centrais são todas maduras e velhas, sobreviventes de uma decadência inevitável. Nem os mais esclarecidos estão empenhados em ação criadora. Alonso, o intelectual, o professor universitário, suicida-se na prisão; Breno, seu colega mais moço, limita-se a recordar e observar. Convidado a agir, recusa-se. Os demais estão exclusivamente preocupados consigo mesmos e perecem sem perda para a coletividade.

A força maior de Holdemar Menezes está na criação de personagens. Não se percebe nelas reprodução de estereótipos. Destacam-se com marcante individualidade.

A maçã triangular coloca-se, expressivamente, entre aqueles que à maneira de Ivan Ângelo, Rubem Fonseca, Paulo Francis, Renato Pompeu, Antônio Callado procuram interpretar os conturbados anos de 60 e 70.

—X—

MENEZES, Holdemar. *A maçã triangular*. Porto Alegre, Movimento, 1981.